



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios Emissora Rural AM e Juazeiro AM

Petrolina-PE, 05 de março de 2010

Jornalista: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, muito bom dia. É um prazer tê-lo aqui em Petrolina, a Emissora Rural, no caso de Pernambuco, e rádio Juazeiro, no caso da Bahia. Estamos aqui com o companheiro Marcelo e Geraldo José.

Presidente Lula, o senhor já está com a licenciatura branca? O senhor vai se licenciar da Presidência da República a partir de algum momento para se dedicar à campanha eleitoral do seu partido? Muito bom dia.

Presidente: Bom dia, Marcelo. Bom dia, Geraldo José. Bom dia, ouvintes da rádio Emissora Rural AM, de Petrolina, e bom dia, ouvintes da rádio Juazeiro AM de Juazeiro.

Bem, primeiro, essa pergunta não poderia ter sido feita em melhor hora, viu, Marcelo, porque você sabe perfeitamente bem que neste país a democracia reina em todos os quadrantes, e dentre um dos pilares da democracia a liberdade de imprensa tem sido praticada no Brasil como em nenhum outro lugar do mundo se possa praticar mais. Até o ponto de alguém contar uma mentira da forma que foi contada ontem, em uma manchete de um jornal importante, dizendo que o Lula queria se afastar da Presidência para fazer campanha, que o Sarney iria assumir. Eu não sei se o objetivo era me atacar, se o objetivo era atacar o Sarney, mas eu acho que no fundo, no fundo quem foi atacado foi o jornal, que vai perdendo credibilidade. Foi o jornalista que fez a manchete que contou a mentira para os seus leitores.

Ora, porque seria uma coisa descabida você imaginar que um presidente da República fosse pedir licença do cargo mais importante do Brasil para fazer



campanha. Segundo, que fosse possível o presidente da República se afastar da Presidência, sendo que você pode não ter, para exercer o mandato, o vice-presidente da República, ou seja, não teria cabimento, não teria lógica, seria uma coisa vista, eu diria, de forma irresponsável com o mandato que me foi dado pelo povo brasileiro. E até porque achar que eu me afastando possa ajudar mais um candidato do que estando na Presidência seria também diminuir o mandato. Se fosse assim, quem não tivesse mandato teria mais força política do que eu que tenho um mandato.

Então, eu acho engraçado porque essa mentira foi contada ontem no jornal, e hoje o jornal tenta dar uma repercussão na mentira que eles contaram, tentando justificar o injustificável. Você sabe que eu aprendi a não ficar mais nervoso com isso. Eu estou convencido, aos 64 anos, de barba branca, de que para o jornalista que age de má fé, a melhor resposta é o seu ouvinte, é o seu telespectador e é o seu (incompreensível). As pessoas precisam parar de brincar com a inteligência do povo. Só tem um jeito de as pessoas serem respeitadas: é as pessoas serem sérias, as pessoas falarem a verdade e as pessoas não ficarem inventando coisa para preencher páginas de jornais. Portanto, não há, não há, não há hipótese de essa discussão acontecer no momento da história do Brasil em que o Presidente da República tem que governar. A ministra Dilma, quando chegar o mês de abril, junto com os ministros que fazem parte do meu governo, irá se afastar para concorrer às eleições, cumprindo a legislação eleitoral. E eu ficarei na Presidência da República até o dia 31 de abril [dezembro] à meia-noite, dia 31 de dezembro à meia-noite, ainda dormirei presidente. Só depois das 10h da manhã é que eu, então, irei passar o mandato para quem for eleito presidente da República.

Jornalista: Presidente, é claro que os nossos ouvintes solicitaram que a gente regionalizasse esta entrevista, não é? Já, porque os outros temas nacionais, o Sul e o Sudeste, geralmente, assim fazem. E eu gostaria de começar com o rio



São Francisco. Essa pergunta que o Marcelo Damasceno acabou de fazer, é claro que a gente, inclusive, tinha combinado aqui. E eu gostaria de começar exatamente sobre o rio São Francisco, porque eu me recordo, quando o senhor fez aquela caravana, desceu o rio e foi até a foz, a gente chega a imaginar que, de repente, a revitalização e a transposição teriam o mesmo diapasão, não é? E hoje a gente acompanha o andamento da obra da transposição, e está muito mais adiante do que a revitalização. Por que não tem o mesmo diapasão?

Presidente: Olha, veja, Geraldo, vamos ter em conta o seguinte: você poderia até acompanhar o processo de, de, eu diria, restauração, quase uma restauração do rio São Francisco, a revitalização do rio São Francisco é uma restauração. Veja, porque primeiro nós estamos recuperando todas as margens do rio São Francisco, estamos recolocando matas ciliares, estamos fazendo saneamento básico em todas as cidades da periferia do rio São Francisco, ou seja, todas as cidades que circundam o rio São Francisco, de Pirapora, em Minas Gerais, até a Bahia, estão recebendo obra de saneamento básico. É o maior investimento de saneamento básico já visto na história do Nordeste brasileiro. Ora, e isto vai permitir que a água utilizada na cidade possa retornar limpa para o rio São Francisco, sem causar os danos que causa hoje. Então, não concordo, Geraldo, de que o canal está andando primeiro do que a revitalização. Os dois estão andando concomitantemente, ou seja, estamos trabalhando porque... o rio São Francisco é um rio que é uma paixão nacional. Ou seja, um gaúcho, lá do Chuí, ele tem que amar o rio São Francisco, tanto quanto um pernambucano de Petrolina e um baiano de Juazeiro. Porque é um rio nacional, é um rio que representa a retenção de uma região muito grande e é um rio que serve de água para muita gente.

Se você for analisar a quantidade de água que nós estamos tirando na revitalização do rio São Francisco para o canal, você vai perceber que, é menos do que a gente está tirando para irrigação aqui no Projeto Salitre, em



Juazeiro. É menos do que a gente está tirando no Projeto Emílio Coelho, ou seja, então... no canal do sertão em Alagoas. Então, eu acho que é uma obra, que eu peço a Deus estar vivo, para que ela esteja toda concluída com os canais, os ramais, as adutoras, as interligações, as irrigações para que a gente possa ter em conta como essa obra é importante para o Brasil. Ela é tão importante, que o coitado do D. Pedro, mesmo sendo imperador, tentou fazê-la em 1847 e não conseguiu fazê-la. Nós conseguimos porque conversamos com todos os governadores, tivemos a compreensão dos governadores e por isso essa obra está andando a todo vapor. E ela será a redenção de 12,5 milhões de nordestinos que moram no semi-árido. E o mais importante é que o programa Água para Todos vem suprir uma deficiência que era uma das queixas do povo do Nordeste. Nós moramos na beira do rio São Francisco e não temos água... e vai levar água para quem mora distante do rio São Francisco? Não! Nós, então, estamos atendendo a necessidade das pessoas que moram próximas do rio São Francisco, levando água para as pessoas beberem.

Jornalista: Estava lendo hoje pela manhã, Presidente, de um o jornalista, que a iniciativa é privada, mas o recurso é público. E aí eu queria colocar a realidade nossa, aqui do São Francisco. Nós temos o agronegócio, a uva e a manga. Nós respondemos aí por uma parte considerável da balança comercial, em se tratando de exportação de frutas. Mas o senhor também é partidário pela sua história, pela sua trajetória, pelo que nós acompanhamos, do pequeno negócio, da coisa tocada pela pequena propriedade, que responde por 72%, 73% do que chega na mesa do povo brasileiro. O que é que o senhor imagina para o Vale do São Francisco, para o grande, mas também para o pequeno em se tratando de política de irrigação?

Presidente: Olha, primeiro, toda política de irrigação, ela tem que atender à



complexidade da realidade agrícola brasileira, ou seja, nós temos que ter espaço para o pequeno, nós temos que ter espaço para o médio e nós temos que ter espaço para o grande. Há espaço para todos produzirem e todos ganharem dinheiro, e o papel do governo é não apenas ser o indutor, mas o regulador, para permitir que as pessoas tenham as mesmas oportunidades, o mesmo tratamento. E obviamente que nós sempre teremos uma política especial, sobretudo de financiamento para os menores, porque são eles que têm menos condições, por conta de menor produtividade, de menor escala, de colocarem o seu produto mais barato no mercado. Eles podem ser os prejudicados, então, nós cuidamos disso.

Aqui, por exemplo, nós vamos hoje inaugurar o primeiro lote do projeto Salitre, que são 5 mil e poucos hectares, dos quais 250, das famílias assentadas, serão pequenos, e 66, médios. Não há possibilidade de a gente imaginar fazer um processo de irrigação se a gente não colocar o atendimento aos pequenos produtores rurais, a agricultura familiar, formá-los tecnicamente, garantir assistência técnica. Se for o caso, até garantir preço para que essas pessoas não se sintam prejudicadas. Um cidadão que vê que produz um milhão de toneladas de manga, ele pode vender a um preço mais barato do que um cidadão que produz cinco caixas de manga. Então, nós precisamos, enquanto governo, trabalhar para equalizar as oportunidades entre as pessoas. Mas o pequeno estará sempre presente e sempre será prioritário nos nossos projetos de irrigação. E isso ao mesmo tempo em que nós queremos fomentar que os empresários entrem, porque nós precisamos não apenas atender o mercado interno, mas nós precisamos atender o mercado externo também, porque cada vez mais nós vamos colocar os frutos brasileiros.

Eu vou lhe contar uma pequena história que é importante para Juazeiro e é importante para Petrolina. Em 2004, eu recebi o primeiro-ministro do Japão, Koizumi, eu tinha na minha agenda um bilhetezinho dizendo: “Há 28 anos o Brasil tenta vender manga para o Japão e eles não compram manga do Brasil porque



tem a mosca da fruta e, portanto, o Japão não compra. Ora, nós já tínhamos feito a fábrica de moscas em Juazeiro...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...já tínhamos feito a fábrica de moscas, que um dia você precisa conhecer a fábrica de moscas, Dilma. Não é só fábrica de avião que tem o Brasil, tem fábrica de moscas também. Então...

Jornalista: Mosca estéril...

Presidente: Então, é uma mosca estéril que, ao fazer o acasalamento, não, não, não, não nasce a mosquinha nem o mosquinho. Então, depois de quinze dias morre, e então vai diminuindo a quantidade de moscas. É uma coisa genial, isso.

Bem, aí eu disse ao primeiro-ministro Koizumi... comecei a conversar sobre mangas, tudo, ele não estava bem informado e eu mandei buscar uma tigela de mangas, daquelas rosadas, bem bonitas, que dá vontade de comer com casca e tudo. E mandei buscar uma outra travessa, [com mangas] descascadas e já partidas. Aí eu falei: Primeiro-Ministro, eu queria o senhor degustasse a nossa manga, aqui. O que eu sei é que... isso foi acho que em setembro ou agosto, o que eu sei é que em janeiro ou fevereiro saiu a primeira carga, de avião, de mangas daqui de Petrolina para o Japão.

Então, nós temos um potencial de disputar o mercado internacional, que nós vamos precisar trabalhar muito para atender o pequeno, o médio e o grande, para que a gente possa atender as necessidades do mercado internacional. Na hora em que os chineses começam a comer mais, na hora em que os africanos começam a comer mais, na hora em que o pobre brasileiro começa a comer mais, na hora em que os indianos começam a



comer mais, o que vai acontecer? Quem é que tem condições de produzir, como o Brasil? Quem é que tem a combinação água e sol? Quem é que tem a fotossíntese que tem o Brasil? Então, nós precisamos estar preparados para abastecer uma parte do mundo. É por isso que não tem preconceito, nem contra o pequeno, nem contra o médio, nem contra o grande. Todos terão a oportunidade de produzir, nos projetos de desenvolvimento que nós queremos para o Brasil.

Jornalista: Presidente, são inegáveis os investimentos que têm sido feitos aqui, no setor agrícola aí. Agora, há pouco, a gente conversava aqui, antes de o senhor chegar, a respeito do fato de que a gente era criança quando ouvia falar no Projeto Salitre, que está se consolidando com a inauguração da primeira etapa hoje. Mas da forma como o senhor argumentou aqui, e colocou que a Europa, o continente asiático se abrindo para a fruticultura do Vale do São Francisco, aí vem a informação de que nós poderemos ter aqui duas usinas nucleares, uma em Juazeiro e Petrolina. Isso, de certa forma não pode trazer um desgaste para essa informação, para o setor agrícola?

Presidente: Não, não.

Jornalista: E como é que é esse processo? Há realmente esse interesse em trazer essas duas usinas?

Presidente: Você sabe... Primeiro, voltando à questão do fruto.

Jornalista: Presidente, quando falam... desculpe interrompê-lo. Quando falam em usina nuclear aqui, sabe como é que o matuto imagina? Bomba atômica.

Presidente: Deixa eu lhe falar, falar uma coisa para você. Ainda voltando à



questão do fruto, antes de falar na energia, na usina nuclear. Eu, se pudesse, na hora que eu viajasse para o exterior, eu fazia um rosário das frutas brasileiras. Eu levaria todas as frutas nordestinas, que ainda são pouco conhecidas, até em São Paulo. Levaria graviola, levaria pinha, tudo pendurado no pescoço, para mostrar lá. Porque as frutinhas deles são bem mixurucas diante das nossas, são mirradinhas. Eles são tão grandões, mas as frutinhas são tão mirradas, têm tão pouco caldo, que... E o Brasil tem um espaço. O que o Brasil precisa é continuar fazendo o que nós estamos fazendo, nós temos que acreditar em nós, nós temos... Um nordestino não tem que chegar em São Paulo de cabeça baixa, ele tem que chegar em São Paulo de cabeça erguida. Um brasileiro tem que chegar nos Estados Unidos de cabeça erguida.

Jornalista: Foi assim que o senhor chegou em São Paulo?

Presidente: É assim que a gente chega, é assim que a gente vence. Ninguém respeita quem não se respeita, meu caro.

E aí vem a questão da usina nuclear. Veja, nós temos um problema, e aqui nós temos uma especialista no assunto, que é a ministra Dilma Rousseff, que até, depois, eu vou deixar ela dar um “pitaco” aqui, para poder orientar o nosso povo nordestino. É que nós temos interesse de três governadores de estado, porque nós vamos fazer energia nuclear. E é importante ter em conta o seguinte: o Brasil é o único país do mundo que tem na sua Constituição a proibição de produção de armas nucleares. Portanto, a energia nuclear, para nós, será utilizada para fins pacíficos. Ou você pode enriquecer o urânio até 5%, para você produzir energia elétrica, ou você pode enriquecê-lo até 20%, para a utilização na indústria farmacêutica. Mais do que isso, nós não queremos. Nós preferimos produzir pétalas de rosa do que produzir uma bomba atômica. Bem, então nós vamos precisar de energia, porque é uma energia limpa. O problema hoje, nosso, companheiro Geraldo e companheiro



Marcelo, é que para você construir uma hidrelétrica é muito complicado para você conseguir licença prévia, para você conseguir licença ambiental, sabe, é muito difícil. Então, é a energia mais limpa do mundo. E o Brasil tem 85% da sua matriz de energia elétrica limpa... hídrica. Bom, mas nós também sabemos que tem limitação a quantidade de rios e de água. Portanto, nós precisamos fazer energia nuclear. A energia nuclear é uma das mais limpas do mundo, e hoje ela é bem menos perigosa. As pessoas ficam lembrando de Chernobyl. Não é possível repetir Chernobyl no Brasil, até pelo tipo da usina que nós temos aqui, não é possível. Então, o que é que se reivindica, na verdade?

Jornalista: Tem a lembrança do Césio, em Goiânia...

Presidente: Não, mas veja, nós não podemos ficar... A gente não pode ficar pensando na Copa do Mundo que nós perdemos no Uruguai, em 1950, a vida inteira. Melhorou muito e já ganhamos cinco Copas de lá para cá.

O dado concreto é que houve um avanço científico e tecnológico muito grande. Então, nós precisamos construir energia nuclear. Precisamos, para garantir... Se a economia brasileira vai crescendo 5% ao ano... Você viu que o consumo de energia no mês de fevereiro subiu 12%. Então, na hora em que as pessoas começam a comprar ventilador, começam a comprar ar-condicionado, começam a comprar uma série de coisas, imediatamente o governo tem que dar resposta, construindo fontes de produção de energia. E você não tem muita escolha. Você tem a energia elétrica produzida pelas hidrelétricas, você pode ter termelétrica. A termelétrica, você pode fazer a gás – o Brasil não é autossuficiente ainda em gás; você pode fazer a óleo combustível, que é muito poluente; você pode fazer a carvão, que é muito poluente; e nós estamos trabalhando, agora... eu participei da inauguração da primeira turbina feita a etanol, que é uma novidade. Então, se tudo der certo, então, nós poderemos ter termelétrica.



Depois, você tem a eólica. A eólica, a Dilma é especialista, porque passou um ano medindo um vento lá em Osório para construir a primeira usina eólica do Brasil, que foi lá em Osório, no Rio Grande do Sul. E depois você tem a biomassa, você tem... E espero que o pessoal descubra novas fontes de energia. Mas, não há nenhum problema. Há uma reivindicação de que se faça ali na região de Xingó, pegando os três estados, e fazendo uma para cada estado, porque nós não temos dinheiro para fazer. Mas eu acho que é importante a companheira Dilma falar um pouquinho sobre a questão da energia nuclear, porque ela é muito mais especialista do que eu.

Jornalista: Tranquilo. (incompreensível)...

Jornalista: Ministra Dilma, então, qual a avaliação que a senhora faz – avaliação, inclusive, crítica – dessa discussão toda em torno de política nuclear. E também aproveitar e falar de política energética porque o que nós temos aí, com os recentes apagões, é alguma preocupação, uma preocupação de que o País, embora com empenho de outros governos, mas não houve um planejamento, assim, uma coisa mais pragmática, para pensar a energia do País.

Ministra Dilma Rousseff: Bom dia, ouvintes da rádio Emissora Rural AM, de Petrolina, e da rádio Juazeiro AM, de Juazeiro. É um prazer estar aqui com vocês.

Jornalista: O prazer é nosso.

Ministra Dilma Rousseff: Eu queria dizer que o Presidente falou... esgotou, quase, a matéria, no que se refere à energia nuclear. Eu queria só falar duas coisas. Um dos maiores usos, hoje, da energia nuclear é para curar as



peessoas, não é, é para a cura. Não só em termos de exames, não é, que você usa a energia nuclear, até para prevenir. Eu, recentemente, tive um problema de doença, eu tive um linfoma, e a forma de diagnóstico hoje, muito usada, precisa da energia nuclear para poder detectar da forma mais rápida possível e te tratar e permitir que você se cure e que não tenha nenhuma consequência com você. Então, a energia nuclear, ela em si, é algo que pode vir muito para o bem. O uso pacífico é isso, é usar a energia nuclear para garantir que as pessoas tenham saúde. Então, o Brasil ter como usar a energia nuclear de uma forma pacífica é estratégico para o país. Estratégico, porque aí a gente vai fazer avançar toda a indústria da saúde, tanto no que se refere a medicamentos, quanto no que se refere a exames.

Em segundo lugar, pelo que o Presidente disse. O Brasil vai precisar, porque ele vai crescer, vai se transformar em uma das maiores potências do mundo, cada vez mais. Nós, já no governo Lula, tivemos um avanço extraordinário. Daqui para frente, já que você construiu o alicerce, você só pode decolar. Então, a energia nuclear vai ser importante. Ainda está em estudos, assim, a localização. Mas como o Presidente disse, ela pode estar em vários lugares. É importante destacar que nós não estamos naquela fase em que havia o derretimento, lá, dos reatores, e contaminava as pessoas. No caso de Chernobyl, é porque Chernobyl estava na época do desmonte da União Soviética. No caso lá, daquela usina de Goiânia...aliás, de Goiânia, é diferente. Ali foi justamente...

Jornalista: Transporte indevido, não é?

Ministra Dilma Rousseff: ...o transporte indevido e a manipulação indevida. E parece que era para uso em hospital. Então, pegaram algo que era para o bem, que era para o uso no hospital. Em vez de dar uma destinação segura – porque o dejetos tem que ser tratado de forma segura – foram jogar no lixo. Aí,



contamina as pessoas, aí é uma irresponsabilidade, aí é um crime. Mas não....

Jornalista: Mas isso já está definido, é fato concreto, ou o governo pretende debater e discutir com a população?

Ministra Dilma Rousseff: Olha, é uma das soluções para o País. Essa discussão, a gente pode fazer com a população em qualquer momento. Agora, entre as alternativas, a alternativa menos poluente, dentro desse nosso compromisso em não afetar a mudança do clima, é com a questão nuclear. Por quê? Porque, de todas elas, ela não emite gás de efeito estufa, ela não aumenta o nível de esquentamento da atmosfera. Então, nesse sentido, ela é a melhor.

Jornalista: O desenvolvimento sustentável estaria comprometido até que ponto, até que ponto o governo está ciente disso, em uma hora em que a senhora vem, inclusive, de um encontro lá na Europa onde se discutiu, o mundo todo discutiu, a política ambiental?

Ministra Dilma Rousseff: Olha, eu acho que o governo brasileiro, ele teve uma posição, e aí o Brasil apareceu de uma forma muito positiva, porque nós fomos o primeiro país a assumir responsabilidade, não ficar transferindo para ninguém. Nós falamos: o Brasil tem o compromisso de reduzir, entre 36% e 39%, a emissão de gases de efeito estufa e dá seu compromisso. O presidente Lula, inclusive, no seu discurso final lá em Copenhague, ele se comprometeu a dizer o seguinte: “Olha, nós vamos cumprir isso de qualquer jeito, com os nossos recursos, e a gente fará esse esforço e dará esse passo porque nós temos responsabilidade com o mundo e com o Brasil”. E o Brasil, hoje, como o Presidente falou, tem a matriz energética mais renovável. Para você ter uma ideia, enquanto os países – o Japão, os Estados Unidos, a Europa – usam,



dominantemente, carvão, que gera uma poluição enorme, compromete até seu pulmão, ou usam óleo combustível, o Brasil usa água, o Brasil usa biomassa, e o Brasil usa, basicamente, quase na maioria da sua matriz – 85% – hidrelétrica. Eu ia falar só, acabando aqui, porque a entrevista não é comigo, é com o Presidente, eu ia só falar o seguinte: o Brasil não corre o menor risco de ter problema de energia e de abastecimento. O que nós tivemos é diferente do que aconteceu no Brasil entre 2001 e 2002, quando o Brasil ficou oito meses sem ter energia elétrica. Então, você não podia abrir um supermercado, uma lojinha, você não podia construir nenhum *shopping center*, você não podia ter uma fábrica nova, não podia ter nada naquele período, porque não tinha energia, não tinha geração de energia.

Qual foi o problema que aconteceu recentemente, tanto aqui no Nordeste como ali em Itaipu? O que é que aconteceu? Nós temos 100 quilômetros de rede, 100... ó, 100 quilômetros! 100 mil quilômetros de redes de transmissão, espalhadas pelo Brasil inteiro! Toda a nossa... Todo o investimento que o Presidente fez foi no sentido de garantir que esses 100 mil quilômetros fossem seguros e capazes de, quando sobrar energia aqui, transferir para o Norte; quando sobrar no Norte, transfere para cá; quando sobra no Sudeste, transfere para cá; quando sobra aqui, transfere para o Sudeste. Podia fazer essas trocas. Então, nesses 100 mil quilômetros nós fizemos todo o reforço possível. Agora, ninguém pode garantir para vocês, em sistema nenhum, que nesses 100 [mil] quilômetros não vai acontecer algum acidente. Vai acontecer acidente. O que nós temos que nos responsabilizar é para que isso não dure mais tempo do que o necessário, e não pode cair o sistema. É esse o reforço que a gente tem sempre de buscar fazer para não criar incômodo para a população: você ficar preso dentro de um elevador, ou qualquer coisa similar. Aqui no Nordeste, por exemplo, ficou 20 minutos. Nós não queremos que fique 20 minutos. Primeiro, nós não queremos que caia. Agora, se cair, que o restabelecimento se dê em cinco minutos, porque é impossível não ter algum



problema: ou um raio ou uma árvore ou qualquer outro evento que você não pode controlar.

Jornalista: A gente agradece à ministra Dilma Rousseff, retornando ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Política, até porque...

Presidente: Deixa eu só dar um “pitaco” nessa coisa que a Dilma falou.

Jornalista: (incompreensível), Presidente.

Presidente: Veja, hoje o Brasil precisa oferecer ao mundo a garantia de que o nosso crescimento é de verdade e é sustentável. E quando um investidor estrangeiro olha para o Brasil, ele quer saber o seguinte: se o Brasil tem infraestrutura para escoamento da produção dos produtos dele aqui. Ele quer saber se o Brasil tem mão de obra altamente qualificada para produzir os produtos deles aqui, e ele quer saber se o Brasil tem energia para garantir o suprimento das necessidades da empresa. Esses componentes o Brasil está oferecendo, e temos que oferecer cada vez mais. Só para você ter ideia, Geraldo, quando nós começamos a discutir a exportação do álcool brasileiro, eu fiz reunião com todos os usineiros brasileiros e disse para eles o seguinte: exportar álcool para o exterior e, ao mesmo tempo, oferecer a eles a garantia de mudança da matriz energética na área de combustível, utilizando o etanol, significa que a gente tem que oferecer um outro componente: seriedade. Capacidade e compromisso de abastecimento do mercado que você está se comprometendo a vender, porque na hora em que você transforma o álcool em combustível, você não pode deixar o mercado na oscilação da vontade do usineiro que quer produzir açúcar um dia e quer produzir álcool um dia. Então, é preciso ter muita garantia.

Na questão energética é exatamente isso. Nós precisamos dar garantia



ao mundo de que nós teremos energia para oferecer para quem quiser fazer investimento aqui. E daí porque a energia nuclear é importante e, certamente, num país como o Brasil, em que o movimento social está organizado e participa ativamente, nós, obviamente que não vamos querer conversar apenas com os governadores, com os deputados, com os prefeitos. Certamente que nas audiências públicas vai contar muito a participação do nosso querido povo brasileiro.

Jornalista: Presidente, nós estamos num ano eleitoral, e observando aqui, de maneira civilizada, já foram...

Jornalista: Dois pré-candidatos...

Jornalista: Aliás, já há dois pré-candidatos aqui na Bahia.

Jornalista: ...ao governo da Bahia.

Jornalista: E o senhor chegou a declarar que não comparecia ao estado onde houvesse esse conflito, não é, principalmente entre aliados. Eu estranhei porque, publicamente ou nos microfones ou na grande mídia, às vezes a gente encontra agressões – agressões no bom sentido – entre o governador Wagner e o ministro Geddel Vieira Lima. E hoje aqui observando, de maneira civilizada, eles conversando, inclusive buscando resolver os interesses da Bahia. Como é que vai o senhor... particularmente, vai se comportar e a pré-candidata...

Jornalista: Não. Como é que ele vai administrar as duas pré-candidaturas.

Jornalista: O importante é administrar essa situação, não é?



Presidente: Deixa eu contar uma coisa para vocês, e eu posso agora dizer...

Jornalista: O senhor acredita que alguém abdique, aqui, da candidatura?

Presidente: ...eu posso dizer muito à vontade isso, agora, na frente do governador Jaques Wagner, na frente do ministro Geddel. Eu, sinceramente, não fico confortável com essa situação. Eu gostaria que os dois estivessem juntos. Sonhamos em construir uma aliança, que permitiu a grande vitória do Jaques Wagner aqui na Bahia, que permitiu a minha reeleição em 2006. E obviamente que esse projeto... era pensado um projeto de médio e longo prazo, não era um projeto que terminava ali. Mas, normalmente, as circunstâncias políticas locais às vezes conduzem os nossos desejos e os nossos comportamentos para coisas que não estavam previstas. Isso é como um terremoto, política é sempre um terremoto. A gente não sabe, a gente não sabe controlar as vocações políticas, os desejos dos grupos políticos, a análise que eles têm. Eu, sinceramente, sinceramente, acho que seria importante que a gente tivesse uma chapa única de toda a base aqui na Bahia. E, não havendo, vai ter a disputa política. A democracia existe exatamente para tentar resolver esses problemas. Haverá um dia, por mais que tenha disputa, por mais que eles se xinguem, por mais que (incompreensível), por mais qualquer coisa, haverá o dia do veredicto final, haverá o dia em que o povo irá, com o dedinho dele, clicar o número e o nome, e vamos ter um vencedor. E aí estará resolvido o problema da democracia. O que eu acho é que nós temos tempo, ainda, de construir muitas coisas. Nós temos pelo menos 30 dias, que é o tempo da desincompatibilização, e depois nós temos mais 30 ou 40 dias, que é o tempo da convenção partidária. Portanto, em política, meu caro, tem coisa para acontecer. Eu não dou, não dou nada por encerrado antes do prazo fatal.

Jornalista: Presidente, muito obrigado pela sua atenção à Emissora Rural e à



rádio Juazeiro. E, só para concluir aqui, o seguinte: o senhor, segundo a imprensa, sugeriu uma campanha plebiscitária, de tucanos e petistas. Tem a questão do preço que, segundo alguns observadores econômicos, foi uma herança bendita do governo do PSDB, do governo de Fernando Henrique. O que seria herança maldita de Fernando Henrique, se o senhor topa ir para as estatísticas no confronto com os tucanos, números do seu governo e números do governo tucano em relação à economia brasileira, e aí insere-se a questão do emprego, bem como a inclusão social.

Presidente: Olhe, eu tenho defendido a tese, e a tese não é apenas PT e tucanos. A tese é entre o atual governo e o governo deles. Não é uma coisa eminentemente partidarizada, até porque não foram os tucanos sozinhos que governaram o Brasil, e não sou eu sozinho que estou governando o Brasil. Então, eu, na verdade, defendo a seguinte ideia. Nós vamos ter uma eleição. Essa eleição, ela pode ser medida por um confronto de ideias, que será o programa dos candidatos daqui para a frente, os compromissos do futuro daqui para a frente e, ao mesmo tempo, uma amostragem do que é possível as pessoas fazerem no Brasil. Eles tiveram oito anos, nós tivemos oito anos. Então, o que eu acho é que nós precisamos comparar, qualquer coisa, qualquer coisa em qualquer área. Nas áreas que... e se eles estiverem melhor, isso vai aparecer, porque os números, efetivamente, não mentem. Você pode manipulá-los, mas sempre haverá alguém que terá os números mais corretos.

Então, a minha tese é essa. A minha tese é que nós deveríamos fazer uma confrontação programática e uma confrontação de realizações entre os dois governos, para o povo poder escolher com muito mais sabedoria. E eu estou tranquilo por uma razão, querido Marcelo, por uma razão: é que eu acho que o meu governo mudou o paradigma do Brasil. Quem vier governar depois de mim, não pode pensar mais pequeno, não pode ser tacanho, não pode tratar o Nordeste como uma região de segunda classe, não pode ver o



nordestino apenas como futuro pedreiro de São Paulo. Tem que ver o nordestino como futuro engenheiro deste país, como médico, como dentista. É por isso que nós estamos espraçando escolas por tudo quanto é lugar; é por isso que aqui vocês criaram uma universidade em cada uma das cidades; é por isso que vamos fazer, em oito anos, uma vez e meia o que foi feito no Brasil em 100 anos, de escolas técnicas; é por isso que eu, que sou o único presidente que não tem diploma universitário, já sou o presidente que mais fez universidades no Brasil.

Então, é isso o que nós queremos confrontar, apenas mostrar números. E o povo julga, o povo julga, e o povo se dá o direito de escolher aquilo que é melhor: geração de empregos, aumento do salário mínimo, massa salarial, crescimento da economia, sustentabilidade da economia, respeitabilidade no exterior. Porque você está lembrado, Marcelo, você deve ter ouvido muita entrevista: “Como é que esse Lula quer governar este país se ele não fala nem inglês?” Eu era tratado assim. Por quê? Porque as pessoas que nasceram no andar de baixo neste país, não estava previsto para elas subirem para o andar de cima, e eu subi. Subi, sabe por quê? Porque o povo brasileiro teve consciência, amadureceu e não volta mais atrás. Eu comparo muito com o Mandela. O Mandela... 6 milhões de brancos mandaram na África do Sul a vida inteira. O Mandela ficou 27 anos preso, até que um dia ele sai da cadeia e os 26 milhões de negros descobrem que são maioria e que podem eleger o seu presidente da República, e elegeram. Aqui no Brasil, aqui no Brasil, pobre estava acostumado a ir em palanque bater palma. E o pobre, agora, aprendeu a subir em palanque, aprendeu a falar e aprendeu a fazer. Então, isso é um pouco da diferença e esse é o paradigma que vai ficar, esse é o paradigma. As pessoas vão ter que investir muito mais. Você veja um negócio. Você sabe quanto desemprego foi causado na crise, nos Estados Unidos? Sete milhões de desempregados. Sabe na Europa, de quanto foi o desemprego? Sete milhões. Você sabe quantos empregos nós criamos, de carteira assinada, no



ano passado? Novecentos e cinquenta mil... 950 mil empregos. Nesse mês de janeiro já criamos 185 mil empregos. É o maior emprego, de janeiro, de toda a história do Caged. E eu trabalho com a ideia de que vamos criar mais de 2 milhões de empregos este ano, com carteira assinada, enquanto o mundo está em crise. E por que nós não estivemos em crise? Porque nós soubemos trabalhar. Eu aprendi duas coisas na minha vida, viu, Marcelo e Geraldo. Eu aprendi o seguinte: eu nunca fiz dívida que eu não pudesse pagar. Eu, às vezes, demorava... Marisa queria comprar uma televisão nova, eu falava: Marisa, não dá para comprar agora, querida. Vamos esperar o ano que vem. Vamos esperar um pouco mais. Eu só posso fazer dívida se eu puder pagar. Para governar, eu faço a mesma coisa. Eu tenho que dar o pé... o passo de acordo com o tamanho do meu pé. Não adianta ficar pedindo para eu dar o que eu não posso dar. E não adianta pedir para eu não dar o que eu posso dar, porque na hora em que eu puder atender, eu farei as coisas que têm que ser feitas. E nós temos que ter um compromisso: continuar cuidando da parte mais pobre deste país. Quem for governo tem que cuidar de todos, do rico e do pobre, mas os pobres têm que ter preferência. É isso que eu quero disputar, a eleição.

Jornalista: Muito obrigado, Presidente.

Jornalista: Presidente, em nome da rádio Juazeiro, da Emissora Rural e de todos os radialistas do São Francisco, a gente quer agradecer essa deferência...

Jornalista: ...Geraldo, de televisão, de rádio, de TV...

Jornalista: ...de televisão, exatamente. Essa deferência...



Jornalista: ...os amigos todos.

Jornalista: ...toda especial em conceder esta entrevista. E eu poderia, inclusive, porque eu vou fechá-la, poderia fazer uma pergunta “se o senhor volta candidato em 2014?”, mas não vou fazê-la. Até porque, como a gente está neste instante como porta-voz de Juazeiro e de Petrolina, e tem um fato que está nos afligindo bastante, causando muita angústia, que é a conclusão da ponte Presidente Dutra e, consequentemente, daquela área urbana que vai até o Mercado do Produtor. Eu sei que o prefeito Isaac vai fazer a entrega hoje da conclusão da segunda etapa, ou seja, o projeto da área urbana. E aí eu vou, em vez da pergunta, fazer um pedido: que antes mesmo da conclusão do seu mandato – eu sei que o senhor já está nas despedidas e tal – que o senhor pudesse (incompreensível).

Jornalista: Reinaugurar a ponte.

Presidente: Deixa eu lhe contar...

Jornalista: Não, no mandato, neste atual mandato.

Presidente: Então, mas deixa eu lhe contar uma coisa. Geraldo, deixa eu lhe contar uma coisa.

Jornalista: É esse apelo que eu faço em nome de Juazeiro.

Presidente: Isso vale para você, em nome de Juazeiro, e vale para o Marcelo, em nome de Petrolina, que é o seguinte, olhem: ontem, ontem à noite eu tive uma reunião de quase cinco horas para discutir o PAC II, e a primeira pergunta que eu fiz ao DNIT na reunião foi a seguinte: eu quero saber como é que está a



ponte de Juazeiro, porque eu estou indo a Juazeiro. Eu quero saber da ponte, porque essa ponte, Governador, nós tivemos um problema. Essa ponte, foi feito um projeto, nós começamos a trabalhar, depois um prefeito organizou um movimento aí, da comunidade,...

_____: O anterior.

Presidente: ...o prefeito anterior, e resolveram não aceitar...

Jornalista: As alças.

Presidente: ...as alças. Então, a obra paralisou, foi feito um outro projeto. Depois que estava pronto esse outro projeto, já não queria mais aquele, era para voltar ao projeto anterior. Agora está resolvido. E agora surgiu uma outra coisa, surgiu outra coisa, que é um projeto que ontem, inclusive, eu disse para a Dilma... Esse assunto não foi discutido conosco ontem, mas o projeto ficou pronto ontem, que é um projeto que vai definir um custo de aproximadamente R\$ 90 milhões, que é o projeto de duplicação da área urbana.

Jornalista: Exatamente.

Presidente: Então, eu posso dizer para você: a primeira parte da ponte eu espero concluir este ano, e essa área desse novo projeto que o prefeito vai me entregar agora, nós vamos colocar no PAC II para concluir essa obra, e certamente ela será feita junto com o PAC II, que começará a partir do ano que vem.

Jornalista: Muito obrigado, Presidente. Obrigado, por parte da Emissora Rural.



Jornalista: Também da rádio Juazeiro.

Presidente: Obrigado a você, Geraldo.

Jornalista: Até a próxima.

Presidente: Obrigado a você, Marcelo. E até a próxima.

Jornalista: Obrigado.

(\$31DHJLP)